

SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos; A luneta mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Livro; Fundação Biblioteca Nacional; Ministério da Cultura, 1994. 554p.

Creio que, hoje, uma das principais funções da universidade brasileira deve ser a de minorar os efeitos negativos da *media*, o portentoso e perverso sistema de comunicação no País. Ele é mais perigoso porque ambíguo, pois tanto pode contribuir para a alienação do grande público como, ocasionalmente, oferecer-lhe informações preciosas. Um dos mais perturbadores resultados da ação da *media* é o *presentismo*, ou seja, a obsessão absorvente, totalitária, dos dias que correm, ao mesmo tempo que dissolve todos os sinais do passado. Não estou defendendo a veneração integral do passado, que também pode ser alienadora, quando destituída de sentido crítico. A idolatria babosa dos tempos antigos é o alimento mais nutritivo dos ultramontanismos, que podem ser perigosos e não meras distrações de maníacos inofensivos. Contudo, o conhecimento vivo do passado é indispensável para a compreensão do presente e para a conquista do progresso social. Esse alheamento concernente ao passado, que vemos imposto pela *media*, é o que nos impõe a indiferença diante dos resíduos escravocratas que persistem em nossa sociedade e passam despercebidos.

O principal mérito do livro acima referido, de Tania Rebelo Costa Serra, consiste no mergulho impetuoso, decidido, no nosso passado literário. Participei da vida universitária brasileira, *hélas!*, na época do predomínio imperialista do estruturalismo. Naturalmente, não posso ser contra o conhecimento e prática de novas teorias literárias que brotam nos meios

universitários estrangeiros e são logo avidamente adotadas pelos indígenas. Essa curiosidade pelos novos pensamentos oriundos nos centros de saber de Paris ou de Nova Iorque constitui fato normal nas esferas da cultura. No entanto, parece-me que, no meio universitário brasileiro, houve sempre um penhor exagerado para o que vem de fora, uma consagração beata das mensagens alienígenas com prejuízo dos assuntos brasileiros. Os estudos, concernentes à nossa realidade, de que carecemos bastante, não chamam muito a atenção dos nossos exegetas. Essa entrega total ou quase total ao espírito estrangeiro é fruto da ingenuidade ou do desejo capitalista de monopolizar conhecimentos prestigiosos, ainda não divulgados na praça. Açambarcam-se conhecimentos modernos e procura-se obter um bom rendimento com eles.

A leitura crítica de obras velhas, esquecidas, de autores nacionais – e há tantas dessas obras! – e a pesquisa de antigos documentos literários, de modo especial a correspondência, não foram salientemente realizadas nos centros universitários do Brasil. Não é preciso ir muito ao passado para descobrir autores significativos que caíram no maior olvido. São lidos, no universo do *campus*, Afonso Schmidt, Galeão Coutinho, Amadeu de Queiroz, Adelino Magalhães, Ribeiro Couto, Cornélio Pena, José Geraldo Vieira e Herberto Sales (este ainda vivo, graças a Deus!)?

Tania Rebelo Costa Serra, na sua obra, faz história literária, capta o espírito do tempo, analisa o autor escolhido e pesquisa documentos – tarefa em que encontrou dois admiráveis orientadores: Wilson Martins e Plínio Doyle. A autora também demonstra a importância da revisão de certos conceitos no mundo das Letras. Seu estudo substancial apóia-se fortemente num novo julgamento do autor de *A moreninha*, feito por Temístocles Linhares, alguns anos atrás. A necessidade de a perspicácia vencer a opinião consagrada fica, neste ponto, evidente. Não está sendo atualmente reconsiderado Monteiro Lobato e, por conseguinte, merecendo justiça? Há muitos anos, este lobatófilo esperava a revisão do julgamento do criador de Jeca Tatú. Antes tarde do que nunca.

O prefácio de Wilson Martins justamente aplaude “o levantamento exaustivo de livros e publicações esparsas, de que não tínhamos conhecimento. Sobre o mérito da obra em referência também o extraordinário autor da *História da inteligência*

brasileira se manifesta de modo claro e indiscutível. "Ela é" – afirma – definitiva, insubstituível". Realmente, ao fim da leitura de *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos* chega-se à conclusão de que esta obra não poderá ser ignorada por quem desejar conhecer Macedo, sua obra e seu tempo.

As considerações finais da analista de Macedo merecem toda a atenção. Ela propõe, por exemplo, "a extensão da idéia de Romero sobre as duas fases do teatro ao romance macediano".

Os aspectos de recepção à obra do romancista fluminense também são registrados pela autora do livro que o estuda tão seriamente. Fica-se sabendo, portanto, que o público não se interessa por Macedo depois que este se afasta dos romances alegres e ingênuos e começa a ser influenciado pelo realismo.

A professora da Universidade de Brasília remata a sua obra com o seguinte parágrafo: "Um autor – e romântico ainda por cima – que merece a reedição constante de *dez* romances não é um autor qualquer. É preciso que o exemplo do ostracismo injusto de Joaquim Manuel de Macedo seja repensado, à luz da exposição dos preconceitos existentes na nossa crítica e na nossa Universidade quanto à validade do nosso *romance-hélas*. Espero estar contribuindo para isso".

Três fartos apêndices foram propostos à obra: Apêndice I – Poesias, Crônicas Assinadas e Discursos Publicados Avulsamente; Apêndice II – Recepção Crítica à Obra de Joaquim Manuel de Macedo; e Apêndice III – Índice dos Anais da Câmara dos Deputados e "Macedo no Instituto Histórico", discurso de Max Fleiuss. Constam ainda do volume bibliografia crítica de Macedo, bibliografia sobre Macedo e, naturalmente, bibliografia de apoio.

Louve-se a atitude da Biblioteca Nacional publicando, com tanto cuidado, a obra em pauta. Sinal decerto da direção superior de Affonso Romano de Sant'Anna, atualmente responsável pela tradicional e importante instituição. Esta feliz publicação da professora da Universidade de Brasília, feita em condições tão extraordinárias, leva-me a retornar a uma velha indagação, que não acho impertinente: por que a editora da UnB não valoriza a prata da casa? Dezenas de teses do Instituto de Letras mereceriam naturalmente um exame da Editora. Conheço duas que acho de qualidade excepcional: a de Marcos Rouanet

sobre Ribeiro Couto e a de Maria Lúcia Verdi sobre o infortunado Samuel Rawet.

Cassiano Nunes
UnB